

OUTROS PALCOS DE LISBOA

O dos pregões

Ana Paula Guimarães

Profª Associada FCSH/UNL
aanapguimaraes@gmail.com

Os pregões são textos entoados, gritados por gente descalça, analfabeta, empenhada em vender para sobreviver. Escutá-los é, ainda hoje, recordar gente que canta(va) numa cidade, Lisboa, empenhada em acolher floristas, mulheres da fruta, amola-tesoiras, galinheiras ... e sobretudo varinas.

Autores consagrados, fadistas, poetas percorrem os trajectos das pregoeiras e fazem-nas caminhar nas suas páginas. Terminamos com Jean-Yves Loude, etnólogo francês, a fazer-nos vibrar através do seu percurso por entre estas mulheres capazes de ainda vender *jaquinzi-nhos* e bacalhau recordando a História de quem vivia à beira-Tejo, entre marinheiros e estivadores. Aí se encontravam as “vendedoras negras de ameixas, de favas e de mexilhões, as varinas de gritos estridentes, as lavadeiras, as trapeiras, as desentupidoras, as engo-madeiras e as caiadoras”.

Tudo remete para a Ágora, o espaço que na Grécia Antiga, antecipava o Rocio, o lugar de encontro, troca de ideias e conversação.

A AUTORA NÃO ESCRIVE SEGUNDO O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

A organização do ciclo de palestras O RIO COMO HORIZONTE desafiou-me a encerrá-lo com uma conferência intitulada “Da presença de Lisboa e do Tejo na literatura do século XX”. Ocorreu-me permanecer sempre junto ao mar, lugar da minha infância na praia de Carcavelos...e regressar a pregões, tema que Isabel Nunes, historiadora, pesquisou para nossa conferência em Fundação Calouste Gulbenkian em 1987¹. E retornar a Bertold Brecht, meu parceiro e mestre há tantos anos:

“Do rio que tudo arrasta se diz que é violento / Mas ninguém diz violentas as margens que o comprimem.” (Fig. 1).

Rio. Que rio?
Margens. Que margens?
Rio, literatura do século XX, Literatura com maiúscula.
Margens: são povoadas por outras ‘literaturas’ que nelas florescem e se tornam violentas comprimindo a Grande Literatura? Que ‘literaturas’, essas, menores? Literaturas orais / populares / tradicionais? Ane­dotas, adivinhas, provérbios, contos, cantigas? Tudo matéria invisível para quem tem apenas “O RIO COMO HORIZONTE”. Horizonte será o rio, a Grande Literatura do século XX.

Fig. 1 - Varinas na faina do peixe, 1909
(Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/NEG/001413).



1 — “El-Rei Senhor Dom João mandou deitar um pregão” (com Ana Paula Guimarães e Isabel Nunes) in *Literatura Popular Portuguesa*. Lisboa, Serviço ACARTE da Fundação Calouste Gulbenkian, 1992, pp.239-267. Posteriormente republicado em *Nós de Vozes – Acerca da Tradição Popular Portuguesa*. Lisboa, Colibri, 1ª ed.2000, 2ª ed.2008, pp. 67-88.

Habitando as margens, há e houve outro tipo de texto (menos reconhecido, ainda menos consagrado) mandado “deitar” por nobres ou mesmo reis:

“El-rei senhor Dom João
Mandou deitar um pregão (...)” (Vasconcellos, 1975, p. 129)

I

Cramol – Entoa pregões 1ª PARTE

Lançado por gente descalça²... de sapatos e de cultura oficial (papel, caneta, escrita), estes pregões circulavam outrora pelas ruas de Lisboa, ao vivo e vibrando na voz de mulheres e homens dispostos (i.e. empenhados) em vender o seu produto – neste caso, peixe pescado, neste rio no nosso horizonte.

Escutemos Azinhal Abelho em *Lisboa num Cravo de Papel* (1968):

“Os eléctricos ziguezagueiam, faiscando calhas, ante a estridência dos ditos dos ardinhas, em larachas com os passageiros. São estes os primeiros cânticos da urbe, que se espraia ao longo do estuário do Tejo. Os sinos também repicam... Ouvem-se os da Sé, de S. Roque, da Graça, da Estrela... Depois são os gritos das floristas, os brados das mulheres da fruta, os apitos dos amola-tesoiras, as galinheiras... Por tudo e por nada a gente de Lisboa grita, brada, apita e canta. É o seu desabafo, a sua moda, a sua evasão. Apregoar é para a cidade uma maneira de cantar. E, por tal, arranja estilos, escalas e tons de que se pode recolher uma rapsódia. Há pregões que formam uma melodia completa.”

E varinas. Ovarinas que perderam o O inicial. Vieram de Ovar, eram mulheres dos varinos e vieram, no início do século XIX, para os ajudar na faina do mar... (conta Rui Lagartinho em *O Corvo – Sítio de Lisboa*).

II

Cramol – Vendendo peixe 2ª PARTE

“Logo de manhã cedo grupos de varinas ostentando ainda o colorido do seu vestuário, largavam ao ar da manhã e aos ecos das ruas os seus pregões gritados e cantantes...”

2 — Segundo Sofia Tempero muitas varinas foram autuadas por andarem descalças. Tentavam contornar o decreto (de 1928) guardando na canastra as chinelas que calçariam mal avistassem a polícia.

É Guilherme Felgueiras (em “Lisboa dos líricos pregões”, in *Estremadura*, Boletim da Junta de Província de Estremadura, 1943) quem refere esses “anúncios cantados” como “forma primitiva de publicidade”.

E acrescenta:

“De Setembro a Abril ouve-se, à boquinha da noite, na meia tinta crepuscular lilás e ouro, em que a luz gradualmente esmorece, a voz forte do vendedor de mexilhão, apregoando...”

Francisco Câncio (em *Cem anos de Pitoresco*, 1940) também descreve as varinas:

“As varinas, logo de manhã cedo, ainda o sol mal topejava os telhados de Lisboa, calcorreavam as ruas na oferta da sua mercadoria.”

Outro cronista, Ferreira de Andrade escreve em *Que diferente és Lisboa. Crónicas Alfacinhas* (1968):

“Para os lados do Tejo, ao longo da Ribeira, uma mutação de cenário atraía sempre, como hoje ainda, a curiosidade do lisboeta e do mais interessado dos visitantes. É a gente da beira-mar...”

Com a sedentarização do comércio ambulante e a intensificação do ruído ambiente, os anúncios são hoje captados pela componente visual e já não pela auditiva. Letreiro e néon chamam a atenção do eventual cliente sem recorrer ao som como elemento motivador. Exceptuam-se ainda mercados e feiras onde ainda se apela - pela voz -directamente ao freguês.

Com o advento da imprensa, o pregão foi cada vez menos utilizado, sobrevivendo apenas o pregão gritado (e não o cantado e “lindamente posto em entoação”, segundo Luís Chaves em *Lisboa nas auras do Povo e da História* de 1955).

Alguns exemplos de pregão gritado “sem escola nem canto”:
“os das vendedeiras de peixe; não cantam, não sabem cantar a correr pelas ruas; é a pressa que não as deixa musicar os pregões...”

★

Professor de Física da Universidade de Coimbra e do Centro de Física Computacional, Carlos Fiolhais descreve uma cena que Einstein terá vivido aquando de uma escala em Lisboa a 11 Março de 1925. O que mais impressionou Einstein na sua passagem por solo português, depois de ter visitado o Castelo de S. Jorge e o Mosteiro dos Jerónimos... foram as varinas! Eis as “palavras telegráficas do cientista de origem alemã:

– *Vendedora de peixe fotografada com um cesto de peixe na cabeça.*”

Continua Fiolhais:

“Falando mais tarde no Rio de Janeiro (onde estava o almirante Gago Coutinho para o escutar), num jantar no Copacabana Palace Hotel, afirmou o autor da relatividade:

“os das
vendedeiras de
peixe; não cantam,
não sabem cantar
a correr pelas ruas;
é a pressa que não
as deixa musicar
os pregões...”

– *São mulheres de uma elegância que me fez parar muitas vezes para admirá-las. No grupo em que estava, fotografámo-las e pusemos na nossa mesa de refeição, a bordo, os retratos.*” (Fig. 2).

E agora a história de José Herculano Stuart Torrie de Almeida Carvalhais (conhecido por Stuart Carvalhais) que nasce em Vila Real a 7 de Março de 1887, morre em Lisboa a 2 de Março de 1961; casa-se com Fausta Moreira (varina, vendedora de peixe) de quem tem um ano mais tarde o seu único filho, Raul Carvalhais. Desenha, a 1 de Novembro de 1928, para a revista *Sempre Fixe* duas varinas de Lisboa com cesto de peixe à cabeça com a seguinte legenda:

– *Companheiras Inseparáveis. Um peixão companheiro inseparável do peixe.*

★

Em *O Corvo – Sítio de Lisboa*, escreve Rui Lagartinho a propósito de varinas, em 2015 aquando de uma exposição no Museu da Cidade, pólo do Campo Grande:

“São mulheres de uma elegância que me fez parar muitas vezes para admirá-las. No grupo em que estava, fotografámo-las e pusemos na nossa mesa de refeição, a bordo, os retratos”. Estamos em 1925 e Albert Einstein aproveitou o dia da escala do seu navio em Lisboa para fotografar as varinas de Lisboa. Nem o mais famoso cientista do mundo resistia ao apelo das populares figuras que povoavam o imaginário lisboeta e nacional. Faltavam cinco anos para uma lei interditar as varinas de Lisboa de calcorrearem descalças as ruas da cidade...

★

Escutemos agora como apregoam os Escritores com maiúscula porque pertencem (quase todos, de alguma maneira) à Grande Literatura:

Fig. 2 - Varina, 1909
(Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/NEG/00142).



Fig. 3 - Varinas preparando o peixe para venda, 1910
(Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/JBN/000656).



Eça de Queiroz (1845-1900), *Gazeta da Imprensa:*

“Lisboa respeita a limpeza, mas adora a lama. Colisão!
Lisboa, cidade inspirada, corta magnificamente
o embaraço, lavando-se no lodo do Tejo!”

Cesário Verde (1855-1886), *O Sentimento dum Ocidental I - Avé Maria*

“Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Há tal soturnidade, há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia
Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.

O céu parece baixo e de neblina,
O gás extravasado enjoa-me, perturba-me;
E os edifícios, com as chaminés, e a turba
Toldam-se duma cor monótona e londrina.

Batem os carros de aluguer, ao fundo,
Levando à via-férrea os que se vão. Felizes!
Ocorrem-me em revista, exposições, países:
Madrid, Paris, Berlim, Sampetersburgo, o mundo!

Semelham-se a gaiolas, com viveiros,
As edificações somente emadeiradas:
Como morcegos, ao cair das badaladas,
Saltam de viga em viga, os mestres carpinteiros.

Voltam os calafates, aos magotes,
De jaquetão ao ombro, enfarruscados, secos,
Embrenho-me a cismar, por boqueirões, por becos,
Ou erro pelos cais a que se atacam botes.

E evoco, então, as crónicas navais:
Mouros, baixéis, heróis, tudo ressuscitado
Luta Camões no Sul, salvando um livro a nado!
Singram soberbas naus que eu não verei jamais!

E o fim da tarde inspira-me; e incomoda!
De um couraçado inglês vogam os escaleres;
E em terra num tinido de louças e talheres
Flamejam, ao jantar, alguns hotéis da moda.

Num trem de praça arengam dois dentistas;
Um trôpego arlequim braceja numas andas;
Os querubins do lar flutuam nas varandas;
Às portas, em cabelo, enfadam-se os lojistas!

Vazam-se os arsenais e as oficinas;
Reluz, viscoso, o rio, apressam-se as obreiras;
E num cardume negro, hercúleas, galhofeiras,
Correndo com firmeza, assomam as varinas.

Vêm sacudindo as ancas opulentas!
Seus troncos varonis recordam-me pilastras;
E algumas, à cabeça, embalam nas canastras
Os filhos que depois naufragam nas tormentas.

Descalças! Nas descargas de carvão,
Desde manhã à noite, a bordo das fragatas;
E apinham-se num bairro aonde miam gatas,
E o peixe podre gera os focos de infecção!" (Fig. 3).

Aquilino Ribeiro (1885-1963), *Lápides partidas* (1945):

"Entrei no quarto a trautear a estúpida cançoneta em voga do Ó da Guarda [peixe frito!]. Aqui, além, pelas hortas, onde se jogava a laranjinha e a malha, fuzilavam as luzes que se acendem apenas aos domingos. A Costa do Castelo que me ficava de soslaio (...). Em baixo, no porto, os navios içaram os faróis e a pradaria baça apareceu riscada de mil cordas vibráteis e luminosas (...). Mais ao longe (...) a Arrábida mostrou-se num recorte deslumbrante dum fundo de Ópera (...)."

Amália Rodrigues (1920-1999), "Maria Lisboa"

Cantado ao vivo (transmitido digitalmente) por membro do CRAMOL,
Maria da Graça Serrão. Letra e música de David Mourão-Ferreira e Alain Oulman.
Gravado pela primeira vez no álbum BUSTO de Amália Rodrigues.

"É varina, usa chinela,
tem movimentos de gata;
na canastra, a caravela,
no coração, a fragata.

Em vez de corvos no xaile,
gaivotas vêm pousar.
Quando o vento a leva ao baile,
baila no baile com o mar.

É de conchas o vestido,
tem algas na cabeleira,
e nas veias o latido
do motor duma traineira.

Vende sonho e maresia,
tempestades apregoa.
Seu nome próprio: Maria;
seu apelido: Lisboa."

José Viana (1922-2003), *Fado do Zé Cacilheiro*

"Quando eu era rapazote
Levei comigo no bote
Uma varina atrevida
Manobrei e gostei dela
E lá me atraquei a ela
P'ró resto da minha vida
Às vezes uma pessoa
A saudade não perdoa
Faz bater o coração
Mas tenho grande vaidade
Em viver a mocidade
Dentro desta geração

Sou marinheiro
Deste velho cacilheiro
Dedicado companheiro
Pequeno berço do povo
E navegando
A idade foi chegando
O cabelo branqueando
Mas o Tejo é sempre novo

Todos moram numa rua
A que chamam sempre sua
Mas eu cá não os invejo
O meu bairro é sobre as águas
Que cantam as suas mágoas
E a minha rua é o Tejo
Certa noite de luar
Vinha eu a navegar
E de pé, junto da proa
Eu vi, ou então sonhei
Que os braços do Cristo-Rei
Estavam a abraçar Lisboa."

Ary dos Santos (1937-1984), *Lisboa menina e moça*

Letra e música: Ary dos Santos e Paulo de Carvalho.

"No castelo, ponho um cotovelo
Em Alfama, descanso o olhar
E assim desfaz-se o novelo
De azul e mar

À ribeira encosto a cabeça
A almofada, na cama do Tejo
Com lençóis bordados à pressa
Na cambraia de um beijo

Lisboa menina e moça, menina
Da luz que meus olhos vêem tão pura
Teus seios são as colinas, varina
Pregão que me traz à porta, ternura

Cidade a ponto luz bordada
Toalha à beira mar estendida
Lisboa menina e moça, amada
Cidade mulher da minha vida

No Terreiro eu passo por ti
Mas da graça eu vejo-te nua
Quando um pombo te olha, sorri
És mulher da rua

E no bairro mais alto do sonho
Ponho o fado que soube inventar
Aguardente de vida e medronho
Que me faz cantar

Lisboa menina e moça, menina
Da luz que meus olhos vêem tão pura
Teus seios são as colinas, varina
Pregão que me traz à porta, ternura

Cidade a ponto luz bordada
Toalha à beira mar estendida
Lisboa menina e moça, amada
Cidade mulher da minha vida

Lisboa no meu amor, deitada
Cidade por minhas mãos despida
Lisboa menina e moça, amada
Cidade mulher da minha vida.”

Fausto (1948),
O barco vai de saída

“O barco vai de saída
Adeus ó cais de Alfama
Se agora vou de partida
Levo-te comigo ó cana verde
Lembra-te de mim ó meu amor
Lembra-te de mim nesta aventura
P’ra lá da loucura
P’ra lá do equador

Ah! mas que ingrata ventura bem me posso queixar
Da pátria a pouca fartura
Cheia de mágoas ai quebra mar
Com tantos perigos ai minha vida
Com tantos medos e sobressaltos

Que eu já vou aos saltos
Que eu vou de fugida

Sem contar essa história escondida
Por servir de criado a essa senhora
Serviu-se ela também tão sedutora
Foi pecado
Foi pecado
E foi pecado sim senhor

Que vida boa era a de Lisboa

Gingão de roda batida
Corsário sem cruzado
Ao som do baile mandado
Em terras de pimenta e maravilha
Com sonhos de prata e fantasia
Com sonhos da cor do arco-íris
Desvairas se os vires...”

★

E chegamos a... Jean-Ives Loude, nascido em 1950, etnólogo e escritor, francês, personagem que “calcorreia a capital portuguesa à procura da história oculta da presença de imigração africana”. Escreveu *Lisboa na Cidade Negra* que publica em 2003 em francês e depois, traduzido para português por Manuela Mendonça Torres, em 2005, em Lisboa, Publicações Dom Quixote.

“Passa um amolador de facas e navalhas, a empurrar a sua pequena oficina ambulante e a anunciar: «Amolador, facas e tesouras!»” (Loude, 2005, p. 21)

“O prato do dia? Uma boa dose de *jaquinzinhos*, minúsculos carapaus, trazidos ainda vivos pela peixeira a quem a casa é fiel, e servidos fritos. Este peixe vem do Tejo? Nem pensar, o rio está muito poluído. Vem directamente de Peniche.” (*Idem*, 2005, p. 22)

“Para chegar à Praça do Município opto por ir pela Rua do Arsenal, porque dela se desprende um intenso cheiro a Portugal. É a rua dos vendedores de bacalhau, peixe salgado em barricas, selhas ou caixotes.” (*Idem*, 2005, p. 38)

Exercício de História, Lisboa no século XVI: “Nem todos os escravos eram utilizados nos serviços domésticos. [...] Era à beira-Tejo, entre os marinheiros e os estivadores, que se encontravam as vendedoras ambulantes africanas. [...] As vendedoras negras de ameixas, de favas e de mexilhões, as varinas de gritos estridentes, as lavadeiras, as trapeiras, as desentupidoras, as engomadeiras e as caiadoras circulavam às centenas. [...] Havia tantas, no Cais do Sodré, que os viajantes estrangeiros chamaram a essa zona fluvial «cais das negras». [...] Encarregados da importante função de aguadeiros, os escravos tomavam de assalto as bicas e concentravam-se no Chafariz d’El-Rey.” (*Idem*, 2005, pp. 52-53)

“O vendedor de cautelas apregoa a sorte: *Quem se habilita à sorte grande? É o 1572, anda amanhã à roda!*” (*Idem*, 2005, p. 70)

“As mulheres apregoam em voz rouca roupa e tecidos, à escolha do freguês.” (*Idem*, 2005, p. 99)

“Diante da estação do Rossio, duas matronas lançam gritos lancinantes, apregoando e agitando peúgas, estandartes patéticos.” (*Idem*, 2005, p. 123)

Mulheres que, segundo Jean-Ives Loude, enfeitam a cidade: “peixeiras, modelos portugueses, vendedoras ambulantes nacionais, varinas imortalizadas, esculpidas, cerâmicas de dimensões maiores que as reais. Dominam o cais da estação e os passageiros, com os cestos à cabeça, seios erectos, saias vidradas coladas à barriga e entaladas na virilha; lá estão elas, deusas da fecundidade, Vénus das ruas a quem Almada Negreiros poderia ter dedicado este epigrama: “As mulheres de Portugal são as únicas que sabem fazer portugueses!” (*Idem*, pp. 163-164)

Continua Loude: “Gosto de citar Almada Negreiros”. E cita:

“Temos todos os rios que precisamos. O Tejo é o maior deles. Nasceu em Espanha, como os outros, mas não quis lá ficar.” (*Idem*, p. 150)

Mais adiante, cita de novo Almada Negreiros (e relembro os Painéis de Almada em Alcântara):

“Temos vendedeiras de peixe que avançam pelas ruas como os barcos no mar. Têm um gosto a sal. Nos seus cestos, levam o Mar. Casam com marinheiros que têm cabeças de Oceano e calças azul-marinho. (Ao fim de uma dezena de anos surge uma dezena de marujinhos!)” (*Idem*, pp. 151-152)

★

No horizonte, temos agora Lisboa no século XX: “as casas não têm comodidades. Existe apenas uma sala ou um armário onde está colocado um grande recipiente de barro que recebe, note bem o eufemismo, as contribuições familiares da semana. Quando está cheio há duas soluções: despejar as matérias fecais na rua depois das dez da noite, por vezes sobre a cabeça dos transeuntes ou encarregar uma negra de despejar o pote longe, isto é, nas águas douradas do Tejo.” (*Idem*, p. 136)

E mais adiante: “os dejectos eram lançados pela janela ao grito de água vai! E estagnavam nos passeios até às primeiras chuvas”. “Teme-se ouvir o grito de «água vai!» e o fragor de águas sujas lançadas pela janela.” (*Idem*, p. 143)

★

É na voz e pela voz que os pregões, estes sinais (sonoros) passam. É a voz que suporta e antecede toda a possibilidade de existência de um texto deste tipo. Treinada ou não, ensinada por tradição ou pelo saber por experiência procurado, a voz aguenta esta forma de proclamar e concede autonomia ao texto que por ela e nela existe.

Afinal as vozes destes pregões (e esta é a razão por que se não deixam aprisionar) existem para cumprir uma determinada função, para servir um objectivo muito específico. Poesia de circunstância, conforme proposta de Predrag Matvejevitich em *Pour une poétique de l'événement* (1979).



Fig. 4 - Varinas na venda ambulante, 1909
(Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBH/PCSP/004/JBN/000757).

Nas margens da Grande Literatura, os pregões são também sangue que a alimenta e permanecem, se não por escrito, pelo menos em alguma margem ou limite da Grande Cidade. Estamos aqui junto ao Castelo, outrora centro.

Poderíamos pensar no *Rocio*. De margem e limite da cidade, na época medieval, de lugar onde os vendedores que vinham de fora de portas armavam feira para vender os seus produtos, o *Rocio* passa a centro, se não a coração da cidade. Hoje curiosamente (para turistas, automobilistas, etc.) é a Grande Cidade que o circunda e em redor dele se organiza.

Recordemos a *Ágora*, o Grande *Rocio* grego, *lugar de reunião* que em breve se tornou *lugar de mercado*. O sítio onde as pessoas se encontravam passou naturalmente a cenário das acções de comprar e vender.

Consta que Sócrates frequentava a *Ágora* e parece que em grego *frequentar* significava *agorazein*. Mas o comércio que Sócrates mais apreciava era este que também mais nos interessa, o da troca das ideias, dos projectos, das grandes e das pequenas descobertas: conversar.

III

Pregões

LETRAS (FIG. 4)

1ª PARTE

Paula Simões

Ó freguesa, lá do 1º
Venha à vaquinha
Cá está leiteira
Chega lá para baixo, chega

Sara Leitão

Quanto mais me bates
mais eu gosto de ti,
Massa sovada!

Alice Teles

Quem quer figos quem quer almoçar
Ó figuinhos da capa rota.

Isabel Carmo

Olha do ramo alto!
Merca galinhas,
Merca galinhas!

Margarida Antunes da Silva

A dez reis o selamim
Quem quer azeitona nova.

Conceição Cabral

Ohaá pêra madurinhaaaa

2ª PARTE

Sara Leitão

Viva o peixe!

Isabel Carmo

E óburrié, burrié, burrié, burrié,
mexilhão.

Paula Simões

A sardinha é prata e não mata,
ó freguesa.

Ana Filipa Lopes

Olha a sardinha linda!

Margarida A. Silva

Ó freguesa, venha cá baixo
e traga o tacho.
É sardinha, carapae cachucho
que é luxo, ó freguesa!

Ana Filipa Lopes

Anda cá, ó querido.
Anda cá comprar linguado.

Conceição Cabral

Quem quer ostras?...
Ostras?

Guitarrista: *Fernando Heleno*

Bibliografia

FELGUEIRAS, Guilherme (1943) - Lisboa dos líricos pregões.In *Estremadura*. Lisboa: Boletim da Junta de Província de Estremadura.

GUIMARÃES, Ana Paula (2000/2008) - *Nós de Vozes – Acerca da Tradição Popular Portuguesa*. Lisboa: Colibri, pp. 67-68.

GUIMARÃES, Ana Paula; NUNES, Isabel (1992) - El-Rei Senhor Dom João mandou deitar um pregão. In GUERREIRO, Manuel Viegas, coord. - *Literatura Popular Portuguesa*. Lisboa: Serviço ACARTE da Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 239-267.

LOUDE, Jean-Yves (2005) - *Lisboa na Cidade Negra*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

MATVEJEVITCH, Predrag (1979) - *Pour une poétique de l'événement*. Paris: Union Générale d'Éditions.

GUERREIRO, Manuel Viegas, coord. (1992) - *Literatura Popular Portuguesa*. Lisboa: Serviço ACARTE da Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 239-267.

VASCONCELLOS, José Leite de (1975) - *Cancioneiro Popular Português*. Coimbra, Por Ordem da Universidade.